

## Novos rumos

» Entrevista | ANNE BARRETT DOYLE E ANN HAGAN WEBB

QR Code —  
Entrevista com  
Anne Barrett  
Doyle e Ann  
Hagan Webb

# LEMBRANÇAS dolorosas

DIRETORA DA ORGANIZAÇÃO BISHOPACCOUNTABILITY E PSICÓLOGA VÍTIMA DE ABUSOS NA INFÂNCIA **TEMEM A ELEIÇÃO DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO VATICANO COMO PAPA E O ACUSAM DE ACOBERTAR CRIMINOSOS SEXUAIS.** ELAS TAMBÉM TÊM RESERVAS QUANTO AO CARDEAL FILIPINO LUIS ANTONIO TAGLE

» RODRIGO CRAVEIRO  
Enviado especial

Roma — Da janela do apartamento situado a menos de 1 km da Cidade do Vaticano, é possível ver o domo da Basílica de São Pedro. Imagem que traz lembranças terríveis à norte-americana Ann Hagan Webb, 72, uma vítima de abusos sexuais cometidos por um padre, dos 5 aos 12 anos, que decidiu tornar-se psicóloga para ajudar outras vítimas. "Escolhi um quarto na parte de trás do imóvel, para não ter que vê-la à noite. Isso me daria pesadelos", disse. Por volta das 13h de ontem em Roma (8h em Brasília), Ann Webb e Anne Barrett Doyle, 66, codiretora da BishopAccountability, organização que coleta denúncias de casos de violência sexual cometida por membros do clero e de acobertamento da cúpula da Igreja, receberam o Correio para uma entrevista exclusiva. Anne Barrett Doyle não guarda meias-palavras ao falar sobre a possibilidade de Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano, ser eleito papa no conclave que começa na quarta-feira. "Ele é um guardião dos segredos", afirmou, ao sugerir que o cardeal italiano tem bloqueado acesso a dossiês sobre abusos sexuais. A ativista também reconheceu iniciativas do papa Francisco para combater a pedofilia na Igreja, mas lamenta que ele tenha fracassado.

**Na sexta-feira, a organização BishopAccountability anunciou que os cardeais Pietro Parolin e Luis Tagle não são adequados para o cargo de papa. Por que?**

Anne Barrett Doyle: O cardeal Parolin, enquanto secretário de Estado do Vaticano, é o responsável por bloquear o acesso de várias autoridades a documentos sobre abuso sexual em muitos países do mundo. Promotores e inquéritos governamentais na Polônia, na Austrália, no Reino Unido, na Bolívia e no Chile têm pedido à Santa Sé para que libere informação sobre abusadores nesses países, que estupraram e violentaram sexualmente crianças. Isso é informação sobre crimes sexuais que pertence a essas nações. Mas a Santa Sé diz: "Não, nós não lhes daremos esses dados". A pessoa responsável por essa decisão é o cardeal Pietro Parolin. Ele é um guardião dos segredos, essa é uma das suas

Rodrigo Craveiro/CB/D.A Press



Anne Barrett Doyle (E), codiretora da BishopAccountability, e Ann Hagan Webb, psicóloga e vítima de padre pedófilo

principais tarefas, como secretário de Estado do Vaticano. Essa é uma preocupação primordial sobre ele, porque precisamos que o próximo papa acompanhe de perto os casos de crimes sexuais, que revele os nomes dos padres considerados culpados sob a lei da Igreja. Não há absolutamente nenhuma indicação de que o cardeal Parolin praticará a transparência.

**E em relação ao cardeal Tagle, cujo nome tem circulado muito no Vaticano como papável?**

Anne Barrett Doyle: O cardeal Tagle parece ter uma compreensão clara de como as vítimas estão machucadas e da culpabilidade dos bispos. Mas ele não tem nenhum entendimento sobre qual é a solução para isso. Ele tem defendido publicamente a resolução da crise por trás de portas fechadas. Isso é um desastre. Acredito que ele seja um bom homem, mas creio que seu pontificado seria terrível para vítimas e perigoso para as crianças, porque você não pode resolver essa crise atrás de portas fechadas. Segredos favorecem os perpetradores e prejudicam vítimas e crianças. Acho que o cardeal Tagle, com sua aversão a fornecer nomes à mídia e aos tribunais, seria um desastre.

**Como a senhora analisa as iniciativas tomadas pelo papa Francisco, nos 12 anos de pontificado, para combater a pedofilia? Ele fracassou?**

Anne Barrett Doyle: O papa Francisco fez algumas pequenas mudanças construtivas. Ele criminalizou o abuso sexual contra adultos vulneráveis. Foi uma reforma muito importante. Isso, provavelmente, foi a coisa mais importante que ele fez. Também criminalizou a retaliação contra os denunciantes. Ele também disse, supostamente, que responsabilizaria os bispos. Ele apresentou uma lei de responsabilização que detalha os procedimentos para denunciar e investigar bispos. Mas isso provou ter pouco impacto, porque há um sistema de autopolicamento interno que desobriga informar a opinião pública. Na verdade, foi uma continuação das políticas da Igreja sob novo nome. Francisco se recusou a fazer o que precisávamos, que seria promulgar uma lei universal que removesse todos os abusadores sexuais do ministério. Vimos uma forma débil dessa lei operando somente na Igreja dos Estados Unidos. Os bispos americanos, em 2002, obtiveram uma isenção

do Vaticano e receberam permissão para levar adiante uma estrita política de remoção de abusadores. O Vaticano não autorizou nenhum outro grupo de bispos a terem essa legislação. O resultado é um sistema de dois níveis, que discrimina crianças de fora dos Estados Unidos.

**O que isso quer dizer?**

Anne Barrett Doyle: Isso quer dizer que as crianças no Brasil correm mais perigo na Igreja Católica do que as crianças nos EUA. Porque o papa Francisco recusou-se a universalizar a lei usada nos EUA. Ele poderia ter feito isso facilmente. A segunda coisa que ele se recusou a fazer foi revelar nomes de abusadores comprovados pela lei da Igreja. Em termos da crise de abusos, foi um papado falho.

**Se Parolin tornar-se papa nesta semana, isso seria um retrocesso na luta de vocês e de outras organizações?**

Anne Barrett Doyle: Se o cardeal Parolin tornar-se papa, não haverá esperança de informações sobre abusos sexuais saindo do Vaticano e fluindo até as autoridades. O efeito do papel de

Parolin, enquanto guardião de segredos, tem sido o de obstrução da Justiça em um país atrás do outro. Ele tem a autoridade para divulgar os arquivos sobre abusos, o que permitiria a promotores de todo o mundo trazer justiça e aprisionar criminosos sexuais. Ele está segurando essa informação, reivindicando soberania da Santa Sé. O resultado é que as crianças permanecem em perigo e os criminosos sexuais, livres. Sim, o pontificado dele seria muito ruim para vítimas e para pessoas vulneráveis na Igreja Católica, especialmente crianças.

**Por que a Igreja abriga tantos escândalos sexuais?**

Ann Hagan Webb: Ninguém de nós sabe o motivo pelo qual haja tantos agressores sexuais na Igreja Católica. No entanto, é um sistema fechado. O segredo, por si mesmo, convida os criminosos sexuais a se tornarem padres. Eles essencialmente retêm uma posição de poder dentro da comunidade e de respeito, o que mantém o seu acesso a crianças. Como Anne Doyle disse sobre os segredos, o que acontece é que, mesmo que o assunto seja tratado a portas fechadas, ninguém jamais saberá o

nome daquela pessoa... Ela pode viver na porta ao seu lado e você não saberá que precisa manter seus filhos afastados dela. O segredo é inimigo da proteção às crianças.

**A senhora poderia contar um pouco de sua história?**

Ann Hagan Webb: Fui abusada pelo padre da minha paróquia, um bom amigo de meus avós, dos 5 aos 12 anos. Eu era a favorita na sala de aula, os meus colegas tinham ciúmes do fato de eu ser retirada da sala e levada com frequência à diretoria. Meus pais eram orgulhosos por isso, mas eu guardava um segredo terrível. Fui convencida de que, se eu contasse, seria a pessoa ruim. Crianças acreditam que, se denunciarem, serão consideradas más. Não os padres, porque eles são tão bons... Por sorte, tive uma família amorosa, que me deu apoio. Fui capaz de ir à terapia por 20 anos e meio. Acho que tive mais sorte do que muitos sobreviventes, pois tive oportunidade de me curar. Devotei os meus últimos 27 anos a defender os sobreviventes.

**Que tipos de sequelas as vítimas de padres pedófilos carregam?**

Ann Hagan Webb: O que os abusadores sexuais fazem com a vítima é enchê-la de vergonha. Isso destrói a confiança em outras pessoas. Com frequência, as pessoas não conseguem fazer conexões, têm relacionamentos fracassados. Há muito abuso de substâncias psicoativas, depressão. Muitas pessoas apresentam tendências suicidas ou cometem suicídio. É uma carga, um inferno. Até mesmo pessoas como eu, que me curei ao longo das décadas, sentem que as coisas voltam à tona.

**Quais são seus sentimentos ao vir ao centro da Igreja Católica?**

Ann Hagan Webb: Isso me enfurece. Enfurece-me o fato de eles não protegerem as crianças. Enquanto crianças, dizem-nos que os padres são pessoas boas, mais do que cidadãos comuns. Quando eles protegem a si mesmos, em todos os momentos guardam segredos. Para mim, é tão errado o fato de não protegerem os mais fracos, as crianças. Eu perdi a minha fé na Igreja Católica. Não sou mais católica, assim como muitos sobreviventes.

Brasil S/A

por Antonio Machado  
machado@cidadebiz.com.br

## CANADÁ: O AVISO DO ALIADO LEAL

Não é fácil realizar boas ações preocupado com a própria sobrevivência ou sem condições pessoais para isso. Muitos que poderiam praticar o bem refugiam-se no mundo das discussões descabidas. Governos que entopem o país de ordens executivas e falatórios incessantes são viciados na vida alheia — tiram a energia dos fracos e a força dos fortes. Além disso, é impossível considerar virtude o desejo de fazer o bem às custas de quem sofrerá a perda desse bem.

Há quem não consiga ser ou manter-se bom depois que ocupa altos cargos no Estado. Desde tempos, vivemos a mesma encruzilhada para viver: seria o melhor caminho a partir dos princípios ou em direção aos princípios? O poder mal adquirido faz tanto mal quanto os bens mal adquiridos.

O estado de incontinência da política mundial, onde governantes se especializaram em botar a culpa nos outros, pode, às vezes, ter um contraponto nos cidadãos, que pelo sistema eleitoral, revelam que não perderam sua medida diante da adversidade. É o que parece ter feito o eleitor canadense. Inventaram, como seu 24º primeiro-ministro, alguém que se candidatou pela primeira vez aos 60 anos.

Mark Carney, um financista agora dedicado ao investimento político, ficou conhecido por ter presidido os bancos centrais, tanto de seu Canadá natal quanto do Reino Unido. Tendo sido também alto executivo do Goldman Sachs e da Brookfield — uma gestora de fundos canadense que nasceu em São Paulo em 1899 e

hoje tem R\$ 200 bilhões em ativos sob gestão no Brasil e mais de US\$1 trilhão em ativos sob gestão mundo afora. Carney é um liberal-centrista-não-populista e internacionalista, eleito para enfrentar a ameaça feita pelo 47º presidente dos Estados Unidos, de anexar o Canadá aos EUA, tornando-o seu "51º estado".

A nomeação de Mark Carney, um estrangeiro, ao BC da Inglaterra foi um verdadeiro auto-de-fé britânico e crença liberal em sua máxima essência. Numa City londrina sob duros questionamentos e em um país mergulhado em crise econômica originada pela desordem financeira, a autoridade britânica fincou pé na ideia de que o remédio para os males do liberalismo seria... mais liberalismo. Ao abrir a posição de presidente do

Banco da Inglaterra à concorrência internacional, os britânicos escolheram um canadense.

Todavia, na sua recente eleição política, tudo foi mais um confronto de simplificações midiáticas fortalecendo o sistema binário de decisão, ideal para preservar a má política dos políticos. A vitória esmagadora que se anunciava do Partido Conservador 100 dias atrás, antes da posse de Trump, virou vitória apertada do Partido Liberal 100 dias depois de Trump empossado.

Simplificações à parte, quem conhece os ocultos caminhos da vida dos governos sabe que injustiças tributárias e retaliações tarifárias nada possuem de ideologia. Impostos, taxas, tributos são a razão de ser das receitas federais pelo mundo afora, onde o estado, com avareza, é sempre deficiente no dar e excessivo no tomar.

Habilidoso em política virou quem alcança seus objetivos,

mesmo que falsos. No poder, leis são para os outros. Justiça varia, e muitos prosperam sem mérito. A tristeza é dos que não romperam os limites civilizatórios no mundo político e econômico. A crise é dos que tudo podem, no público e no privado. A lei é feita por quem não a cumpre. O individualismo exacerbado confunde liberdade com abandono de valores e vínculos. A eleição de um banqueiro no Canadá talvez revele uma paixão secreta do eleitor bancarizado e endividado — ou apenas mais uma mania da política de aplicativo e seu eleitor em modo cashback.

Reagir a governos inconfiáveis exige confiabilidade de outra natureza. Mantidas as astúcias salariais e negociais da elite do poder estatal, aumentar a arrecadação, destruir o comércio e negar a alma das pessoas não trará melhora. A concentração de riqueza, a produtividade lenta, os lobbies que impõem barreiras comerciais e o custo de

vida em alta compõem o cotidiano de um mundo renegado do liberalismo, da social-democracia e das políticas compensatórias. Governos, de direita ou esquerda, cujos gastos não correspondam aos recursos, contribuem para a permanência das disparidades sociais.

A eleição no Canadá desnuda a fórmula emocional das campanhas feitas para esconder quem manda no governo. Agradar inimigos e desprezar aliados só produz mandato ruim. Um banqueiro, em nada novato, pediu ao povo um certificado para conferir à gestão bancária o símbolo de confiabilidade política. Com a vitória, deu o recado a quem fez o vizinho inconfiável. Quem sabe equilibre para os canadenses uma perda que ainda não houve, em um jogo que Carney hoje venceu, mas quem pode dizer amanhã que Trump perdeu?

PAULO DELGADO, sociólogo